

# O COMUNISTA



ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos  
Publicação quinzenal  
PROPRIEDADE DO  
GRUPO EDITOR DO COMUNISTA



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

Redacção e Administração  
Rua do Arco do Marquês de Alagrete, 30, 2.º

Composição e Impressão  
TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35 - LISBOA

## EM VESPERAS DE ELEIÇÕES

**Pois que! Vós queis criar uma sociedade nova e recusis diante da dificuldade de criar uma boa fracção parlamentar de comunistas convencidos, heróicos, dedicados, num Parlamento reaccionario?**

Lenine

O Partido Comunista, partido revolucionario, apoiando-se teoricamente na filosofia marxista, desenvolvida e aplicada genialmente por Lenine ao periodo capitalista decorrente, sabe que as revoluções politicas se não operam exclusivamente pela vontade e esforço humano, que é necessario um estado de crise do regime preexistente para que as forças até então subjugadas e dirigidas irrompam, e que pela experiencia das lutas de todos os dias adquirem a disciplina e a consciencia que dão a vitória.

Não escasseiam entre nós os sintomas de decomposição do regime — pulverisação extrema das forças politicas, indisciplina da força armada, etc. etc., O por aí da crise é a nançura, caracterizada, sobretudo, pela rafação de moeda, pela quasi paralisação do credito. Daqui derivam males consequentes — abaixamento do nivel de produção, pelo encerramento de muitas fabricas e officinas; desemprego de centenas e centenas de operarios; compressão dos salarios abaixo do nivel do custo de vida; agravamento da miseria geral.

### Fatalidade da luta contra o principio da propriedade

O Estado, em permanente situação dehonra, e preocupado exclusivamente com a sua crise particular, agrava incessantemente os impostos, estatua novas possibilidades de ressurgimento economico, esquivando que não ha Estado proprio em situação agnoscida, não vendo nem sentido que o imposto, pela sua natureza endossavel, e sempre causa do agravamento das condições de vida, e por isso, motivo de todas as perturbações.

E como o agravamento do imposto não bastou não poderá bastar a supprir todas as dificuldades financeiras do Estado, e, de, arrastado pela escuridão da morte, não se obrigou a conceder os privilegios da burguesia — liquidação dos monopólios, reforma bancaria, repartição das terras, etc.

E' a contradicção entre as formulas economicas e as formulas politicas que se patentea. A crise só é vencivel pelo sacrificio do principio historico do direito de propriedade. E então vemos este fenomeno estranho: — alguns homens que persistem em manter a superestrutura politica do edificio social, e que por via a-rão talvez os primeiros a morrer, os burgueses da burguesia, lançam-se de caminhar em punha a minar as bases do edificio do sistema, não vendo que o edificio, ao decahir, os ha de subverter, por isso que, a queda do sistema economico arrastará o da superestrutura politica.

### O erro alheio não deve fazer o nosso erro

E' este erro que os comunistas, guiados pela filosofia marxista, não podem cometer. El' a sã com nitidez que se impoem manter o sistema economico — e ha muitos anos que assistimos a sucessivos ataques, ora de conservadores, ora de radicais, ao principio da propriedade. Já agora não reusado e inferiorio pelas mãos governamentais. — o sistema politico, que é derivante, não poderá sobreviver.

Agrada-nos sobremaneira ver empenhada nesta obra demolidora a esquerda democratica. Compramos a fé e a empurra-la. Mas é preciso cautela, não a deixamos agarrar-se demasiadamente a nós não vá na hora da derrocada, que é já agora inevitavel, succeder ficarmos tambem sob os escombros.

### O Parlamento é alguma coisa mas não é tudo, nem sequer o essencial

Se assim vemos o problema, em conjunto, é evidente que não encaramos o Parlamento como um instrumento de transformação social profunda e fecunda. E' mais um campo de batalha que se nos oferece e não ha o direito de quebrar uma arma que o adversario não abandona. Ha toda a conveniencia em dispormos da tribuna parlamentar e da fôrça a possível guerra ao existente. Mas é necessario tambem ter sempre presente que o Parlamento é uma arma complement

tar e accessoris, sem a eficacia fulminante e decisiva da greve e da insurreicção.

### O que devo ser um deputado comunista

Um comunista marxista, logo, revolucionario por principio, não pode pensar no Parlamento convenido de fazer vingar al, pacificamente, a fôrça de leis e de decretos, os seus objectivos de renovação social. Um deputado comunista, vedado do proletariado, falando na tribuna parlamentar, não deve alucinar a estufa proteccion de poder convencer os seus adversarios de classe.

Discorrendo lá, no Parlamento, o deputado comunista deve preocupar-se muito e sempre com o que pensam dos seus discursos as massas operarias e camponesas e saber se as suas palavras servem para agit-las e animá-las ao combate. Um deputado comunista deve ser um clarim de guerra chamando os combatentes ao preenchimento dos seus lugares nas linhas

de batalha. Foi sempre nas ruas que se decidiram através da historia os grandes pleitos sociais. E', pois, o estado da rua que sobremaneira o deve preocupar. Se as suas palavras, vigorosas, incisivas, contundentes, servem a criar e a fazer vibrar o movimento da rua, ele preencho plenamente a sua função.

### O voto não revoga o acto insurreicção, deve auxiliá-lo

E o programa eleitoral? Para que serve ele? E' simplesmente uma raçoera para caçar o voto? Não, de modo algum. O programa eleitoral deve conter as soluções mais imediatas, tendentes a conquistar apoio das massas operarias e camponesas, tendentes a neutralisar os pequenos produtores independentes, embora não assalariados. E' na defesa do programa que se travam os combates parlamentares. Precisamente, a recusa do Parlamento em sancionar as reclamações do programa provará ás massas interessadas a insuflencia da acção

parlamentar e a indispensabilidade da presso exterior e da insurreicção.

Não caís no erro de fazer apôr que o proletariado alcançará a sua emancipação pelo bolism do voto eleitoral. O acto eleitoral é apenas um accidente de campanha que pode ter maior ou menor influencia mas que não dispensa de modo algum a batalha definitiva — o acto insurreicção, a tomada do poder pelos meios revolucionarios.

### Momento excecional que urge aproveitar

Não sabemos ainda se o proximo acto eleitoral será em maio ou outubro, mas duma coisa temos a certeza. Em Lisboa as listas de maioria nos dois circulos serão ganhas pelo bloco operario, do que participa o P. C. P.

Essas listas apresentam ao sufragio popular os nomes de elemento mais influentes dos arsenais, dos telegraphos postais e outras classes.

A vitória não é difficil dada as circunstancias excecional do momento. A pulverisação das forças electorais é extrema. Previmos todas as hipóteses: uma colligação de monarchicos e U. I. E.; uma colligação de democraticos, nacionalistas e socialistas. Tudo isto é insufficiente para vencer-nos.

A lista do bloco operario vencerá e sobre esta vitória não pôde haver dúvidas porque nos apoiamos em nucleos electorais de valor positivo e osamos, desde já, pôr do nosso lado o imponderavel.

Vencer não é difficil nas circunstancias actuais, que nos auxiliam sobremaneira. E', porém, muito mais difficil tirar da vitória todas as consequências que ela comporta.

As vitórias de Pyrrho em Roma serviram-lhe a criar situações dificeis. Isto quer dizer que, se precisamos desenvolver uma energia enorme no proximo acto eleitoral para não sermos roubados, é preciso depois duplicada energia para colher todos os frutos da vitória.

### A Comuna de Paris

Mais um ano decorrido. Fez no passado dia 18 do corrente quarenta e quatro anos que o proletariado parisiense, em pl-na situação revolucionaria determinada pelo desastre militar de Sedan e sob a influencia doutrinar de Augusto Blanqui e de Pedro José Proudhon, se assenhoreou do poder.

O movimento da Comuna de Paris perdeu-se:

1.º — Porque a evolução economica na França progredira pouco não determinando a concentração do proletariado e a sua experiencia sindical e revolucionaria.

2.º — Porque é sempre um erro encetar o problema social por um dos seus aspectos simplesmente e assim foi que o proletariado de Paris, assumindo o poder politico, deixou nas mãos da burguesia, os bancos, as fabricas e os armazens, que a burguesia converteu noutros tantos roubados inimigos contra o proletariado.

3.º — As influencias federalistas proudhonianas impediam pela contradicção da acção dos multos comités e sub-comités toda a unidade de esforços e promoviam a paralisação da acção militar.

4.º — Porque não se tendo feito uma previa ligação com os campos, a burguesia teve como aliado o campones, que assou contra os operarios que se encontravam deste modo isolados contra a grande maioria da população franceza.

## Programa eleitoral

O P. C. P. não eré nas virtudes prégadas da democracia formalista, exercida por organismos que da populares nada tem e que serviram até agora para accentuar cada vez mais o predomínio da burguesia exploradora. A verdadeira soberania popular, o inefumavel governo do povo e pelo povo, só pode encontrar a sua expressão em organismos que agrupam os directos produtores. Enquanto as grandes empresas economicas não forem nacionalizadas, o poder publico ha de exprimir sempre a vontade e os interesses das grandes exploradoras.

Por isso, e para atenuar quanto possível os inconvenientes desse dominio da burguesia exploradora, o P. C. P. defendêrã no Parlamento a incompatibilidade do exercicio das funções publicas com os cargos de gerencia dos bancos e das grandes companhias concessionarias e privilegiadas, bem como a representação proporcional das classes no corpo legislativo e nas administrações locais.

O P. C. P. defendêrã a nacionalização das industrias bancaria, do seguro, da moagem, dos tabacos, dos fufuros, dos caminhos de ferro e transportes maritimos de longo curso, sua organização em trustes do Estado, com participação dos operarios e empregados na administração.

O P. C. P. defendêrã a nacionalização da propriedade fundiaria e da dos absenteeistas (proprietarios que não vivem a exploração da terra), e a sua distribuição por familias de camponeses, cooperativos e sindicatos, tendendo assim a transformar a cultura extensiva em cultura intensiva, que eleva a produtividade agricola e determina o seu burateamento.

O P. C. P., para evitar a multiplicação dos intermediarios que tanto concorrem para a carestia dos preços, defendêrã o monopolo do comercio externo das substancias alimentares e das materias primas industriais, pelo Estado, com o contributo dos sindicatos operarios e cooperativos.

O P. C. P. defendêrã a redução, a taxas meramente estatísticas, dos impostos aduaneiros que incidem sobre os generos de primeira necessidade, como medida indispensavel ao barateamento da vida.

O P. C. P. defendêrã o estabelecimento dum salario minimo para todos os operarios e empregados, fixado em função do preço das mercadorias e revista periodicamente.

O P. C. P., ciente de que a economia nacional repousa essencialmente no esforço dos pequenos produtores que constituem a grande maioria da população, defendêrã a organização do credito aos pequenos agricultores e industrias, as cooperativas de produção e de consumo, com as disponibilidades da Caixa Geral dos Depósitos.

O P. C. P. defendêrã, como uma das medidas indispensaveis para enfrentar a crise do desemprego, o estabelecimento dum subsidio equivoalente a 50% do salario regular para todos os desempregados por motivo da crise economica, direito este já conquistado em todos os países civilizados.

O P. C. P., com o mesmo fim, defendêrã a abertura de trabalhos publicos extraordinarios — estradas, caminhos de ferro, construções escolares, casas economicas, etc.

O P. C. P. combaterá energeticamente toda a tentativa de solução financeira pelo agravamento dos impostos, mas pugnarã pela confiscação de 60% das fortunas particulares superiores a 500 contos e duma percentagem proporcional regressiva até ás fortunas de 200 contos, bem como não se oporã ao agravamento da contribuição de registio por titulo gratuito (heranças).

O P. C. P. considera que um dos maiores males nacionais é o analfabetismo, e por isso adoege a criação dum organismo popular que, com o auxilio financeiro do Estado, se proponha extirpar o cancro do analfabetismo nos individuos de 18 a 30 anos, dos processos intensivos do ensino.

O P. C. P. entende que se devem criar as condições praticas para o ensino obrigatorio, pela garantia de assistencia medica e farmaceutica, de vestuario e alimentação, e que a Escola para a geração nova deve ser remodelada devendo criar-se em cada individuo as melhores aptidões para o trabalho e a consciencia da necessidade de viver dele, e que por isso um maior lugar deve ser dado ao ensino profissional.

O P. C. P. defendêrã a organização do seguro social em bases amplas, abrangendo a maternidade e a infancia, a velhice e a invalides.



# AS ELEICOES

O proximo acto eleitoral é um passo decisivo para a P. C. P. e para o proletariado.

No Porto, segundo as informações dos nossos camaradas, mantem-se o bloco dos radicais, socialistas e comunistas.

Em Lisboa a situação é diferente mas mais conforme aos interesses do proletariado. Aqui será apresentada uma lista da esquerda social-operaria. Dispensamos quaisquer coligações com outros partidos e vamos somente com os nossos aliados naturais — os operarios.

Os nossos camaradas arsenalistas, os telegrafos postais, os foneogramas publicos, etc., trabalham com nobre entusiasmo, a nosso lado, para a victoria.

Porque de victoria se trata. Temos 75 % de probabilidades contra 25 de vencer as maiores. Baseamos as nossas previsões em forças eleitorais positivas. Os nossos camaradas arsenalistas e telegrafos-postais, sobretudo, trabalham e trabalharão ainda com inextinguível zelo. É preciso que cada um de nós faça isto — arranjar um eleitor, um amigo pessoal, um colega, um camarada de officina.

Que cada comunista ou simpatizante, que cada arsenalista ou telegrafista, além do seu voto, arranje o dum amigo. Eis tudo. Assim, os nossos 6.000 votos, já garantidos pelos nucleos eleitorais empunçados na acção, converter-se-hão em 12.000, isto é, o suficiente para esmagar as outras listas — a dos moderados que não colherá mais de 7.000 e a dos democraticos que obterá menos ainda.

Para conhecimento de todos os camaradas e com o fim de evitar confusões se descrevem abaixo as freguesias de Lisboa, agrupadas por circulos eleitorais.

**Circulo oriental.** — Freguesias: Anjos, Beato, Castelo, Escola Gerarda, Monte Federal, Oliveira, S. Cristovão, S. Estevão, S. Miguel, S. Tiago, S. Vicente, Arroios, Conceição Nova, Escarvação, Madalena, Martires, Pena, Pousa de França, Restauradores, Sacramento, S. José, S. Julião, S. Nicolau.

**Circulo occidental.** — Freguesias: Amizades, Benfica, Campes, Campo Grande, Caridade, Caravelas, Lumiar, Marques de Pombal, Mercês, S. Manoel, S. Sebastião da Pedreira, Santa Catarina, Ajuda, Alcantara, Belém, Lapa, Santa Isabel, Santos.

É necessario que cada camarada fixe bem a freguesia em que reside e a assembleia em que deve votar. Como a maior parte das nossas listas terão de ser distribuidas por fabricas, empresas ou repartições publicas, é necessario uma cuidadosa descreção na sua distribuição.

## Reparos...

O anarquismo é uma grande «Gaita de Foles» que se não pode já ouvir mas que a burguesia cada vez sã ouve melhor.

Antes que a pele se rompa, urge fazê-lo substituir por um outro instrumento que, sã bem a todos e que todos possam dançar.

Os camaradas anarquistas não querem um Estado operario por que ha quem mande, constatando-se que preferem o actual para...

Eu confesso muito sinceramente que, ainda não cheguei a perceber como os nossos camaradas anarco-sindicalistas, sem governo, sem exercito e sem autoridade, pretendem fazer a revolução.

Mas se por ventura me explicassem, por uma forma bem clara e definida, a possibilidade da revolução e o sistema de sustentar os seus fracos conquistados, até ao completo desaparecimento das classes, eu podia garantir-vos de que pelo vosso campo, desprezaria todas as tendencias.

Se a experiencia dos factos é que nos tras os ensinamentos para a transformação da sociedade, para que pretender cada um amoldá-la a seu gosto, constatado como está que, ha de obedecer à força das circunstancias.

Valde Vargo. B. Machado.

«O COMUNISTA» vende-se na Tabacaria da Boile e no kiosque Santos Freixo dos Rosalardores.

Toda a correspondência para o P. C. P. deve ser dirigida a J. Carlos Bates, Travessa de Terço, 3, ou a sede da Federação Comunal de Lisboa, Rua do Arco do Marquez de Alegrete, 89 E.

# OS CAMPONESES E A REVOLUÇÃO

A propaganda e agitação comunistas nos campos são dificultadas principalmente pelos sérios entraves postos a uma organização partidaria nas aldeias. É indispensavel, porém, que o proletariado seja apoiado na sua Revolução pelos camponeses. No caso contrario a Revolução será apenas um pretexto para um reinado ofensivo da reacção fascista. Eis o que a experiencia ensina: o proletariado tem na propaganda comunista entre os camponeses coisas a favor e coisas contra.

O principal contra é, como já soam fision dito, a dificuldade duma séria organização partidaria. A seguir vem a ausencia da organização sindical e cooperativa nos campos; a influencia da religião catolica no norte do país; a absoluta falta de instrução, a mais rudimentar; a influencia que ainda exercem os caciques burgueses sobre a maioria dos pequenos proprietarios e rendeiros e até sobre uma boa parte dos proletarios rurais.

Nós temos, no entanto, coisas a favor, por exemplo: o agravamento do custo da vida, que a melhoria cambial não deteve; o descontentamento profundo que trouxe a lei 1645 que desculpou o preço das foras; o espirito acuetadamente anti-militarista do homem do campo, etc. etc.

Vamos a estudar a maneira pratica de tornar as dificuldades e aproveitar as facilidades.

A pulverização da população portuguesa por povoados muito pouco habitados, torna difficilissima a organização por comunas ou nucleos de aldeia e a sua ligação. Primeiro que tudo, não é facil numa povoação de 500 habitantes encontrar mais de um ou dois elementos da classe rural, capazes de serem comunistas na significação nobre da palavra.

Mas supponhamos que existem esses elementos de boa vontade. Como evitar que se exponham ha repressalias patronais? Isto abstrahindo da acção das autoridades locais, quasi sempre ha dependencia absoluta da burguesia local.

Devemos ter em conta que nos campos não ha a facilidade relativa que ha nas cidades em colocar, por intermedio das escolas de fabrica e officina e devido ás suas ligações, o operario despedido por ser notado a sua acção comunista.

Nas cidades, basta que as celulas da fabrica se formem sem grande buha, na illegalidade, e que se entendam as da mesma industria para o caso ficar resolvido. Na provincia já assim não acontece. O trabalhador perseguido pelas suas ideias comunistas não encontrará, no inicio da organização, ás vezes, mais do que meia dúzia de camaradas no mesmo conceito tendo a noção clara da solidariedade operaria. Por todas estas razões se impõe a organização legal nos campos. Serão creados nucleos, comunas ou celulas de freguesias. Os componentes dessas celulas farão, nos trabalhos, onde muitas vezes se juntam trabalhadores de varias freguesias, o possível por arranjar adeptos para a causa entre camaradas de confiança os quais por sua vez, nas suas terras diligenciarão formar identicos nucleos.

Nós julgamos da maxima importancia a criação de pequenos jornais regionais, tratando de assuntos conhecidos dos leitores, falando-lhes em pessoas com quem eles lidam todos os dias, aceitando-lhes e incitando os a colaborar a fim de os interessar e obrigar a ter ideias proprias. Para esses jornais, que não devem nunca perder a côr local, deve a Comissão Central do Partido, fornecer pequenos artigos theoreticos para intercalar entre os artigos d' agitação local.

É claro que estas folhas não dispõem a distribuição larga e generosa do orgão central do Partido ou de qualquer revista theoretica, pelos militantes mais activos.

O segundo escolho vem a ser a falta que actualmente é nota de organização sindical e cooperativista.

Cooperativas de camponeses, julgo não haver uma unica em Portugal.

Quanto à organização sindical, ninguém deve ter ilusões a esse respeito.

Os sindicatos dos trabalhadores rurais, os poucos que no país existem, salvo raras excepções, não tem vida propria, existindo apenas no papel. Esta falta de actividade dos sindicatos rurais e as suas causas servem-nos de ensinamento. Porque é que as associações de trabalhadores rurais, que em tempos não remotos, chegaram a assustar seriamente a burguesia, não conseguem hoje, com o vento que sopra do Oriente a atigar-lhes a liberdade revolucionaria, tirar mais hora de sono à mesma burguesia?

Porque é que os sindicatos rurais estão hoje quasi todos desmoralizados e desorganizados?

Para os apóstolos do anarco-sindicalismo a resposta é facil: foram os comunistas e se não foram eles, foram os pais deles.

Para nós, comunistas, o caso merece duas palavras de explicação: é que a propaganda revolucionaria nos campos tem que ser feita com muita elasticidade, adaptando a sempre ao meio e à época, sabendo aproveitar os proprios erros e desenganos. Quem escreve estas linhas tem errado muito e muito na propaganda entre os camponeses. No nosso lugar, um anarco-sindicalista, depois de ter tentado mais algumas vezes as mesmas formulas rígidas de propaganda doutrinarista com os mesmos processos tacticos, já teria desistido, em face dos fracassos que temos tido.

Nós, porém, como comunistas que pretendemos ser, reconhecemos os nossos erros, emendamo-los na medida do possível, experimentando novas formulas de notação. Os sindicalistas, ha treze anos, puseram o Alentejo em ponto de rebeldia, e a greve de Évora de 1912, que provocou, por solidaria-ridade a greve geral de Lisboa, fez tremar a sociegada burguesia de então.

Depois disso o que tem feito? Fazem repetir de tempos a tempos pelos delegados da C. G. T. e F. R. velhos narizes de cera de que os proprios trabalhadores já fazem troço.

Ha treze anos os sindicalistas disseram aos trabalhadores rurais do Alentejo e Ribatejo: Organiza-vos, os associados podereis resistir à perseguição que vos quer arrancar a pele e conquistar algumas regalias sociais e materiaes! E outro, em boa verdade, nada mais se podia fazer. A burguesia estava forte. A nau do Estado, Afonso Costa ao leme, singrava em mar de rias. O mot d'ordre: organiza-vos em sindicatos! era justo, correspondia a uma necessidade de momento.

Mas do então para cá as coisas mudaram muito e isso é que os apóstolos do anarco-sindicalismo parecem ignorar.

Nesta altura parece-nos oportuno fazer uma pequena observação a fim de corrigir uma ideia feita e concretizada numa frase feita e que corre nos meios operarios citadinos como coisa assente. É que os camponeses são acessiveis a ideias praticas. Isto é em parte justo, no entanto, os camponeses são, por vezes, também acessiveis à demagogia e ás utopias. E assim, quando qualquer literato de segunda categoria, ou negociante da cidade, tropeja contra os comunistas, que são politicos e que devem ser corridos dos sindicatos e exclamam que o anarco-sindicalismo é a unica fórmula de Revolução Social, nada de ditaduras, livre accordo, e outras patacoadas, encontram sempre eco nas assembleias de rurais. É um facto, por mim observado mais de uma vez. E, no decorrer da discussão do relatório sobre a questão agraria, apresentado ao 5.º Congresso Mundial, o camarada siseo Bruiçoff referiu-se a esta tendencia do campones para seguir qualquer demagogia ou utopista. Tudo isto veio a proposito da falta de organização sindical nos campos como dificuldade imposta à penetração comunista.

Quanto aos outros contras, a influencia da religião catolica e a falta de instrução, traduzindo-se pela difficuldade em encontrar no campo quem saiba ler e escrever com regularidade e a influencia dos politicos burgueses, eles sugerem me as seguintes considerações.

É evidente que se não pode praticar que um militante comunista pratique uma religião, seja ella qual for. Porém, nos meios camponeses do norte onde a religião catolica ainda tem influencia e onde o padre é nosso natural inimigo, não nos parece prudente nem conveniente para uma eficaz agitação comunista, tocar na religião.

A falta de instrução, irremediavel na actual sociedade, pode atenuar-se pela leitura em voz alta, nos trabalhos, à hora das refeições, dos jornais de agitação e propaganda, leitura feita pelos militantes comunistas, com comentarios.

Uma coisa que é preciso ter em conta é a real influencia que têm, ás vezes, os caciques electorais, sobre as populações.

É vulgar encontrarem-se freguesias inteiras, onde um certo bacharel da vila, a quem os habitantes atribuem a divisão de um baldio ou a construção de um chafariz, é venerado e tido como benemerito.

É claro que se o agitador comunista chega lá e quiser fazer ver aigo de entrada a toda a gente que o tal doutor da vila não passa de um vulgar farfante que, se lhes deu o chafariz, foi para que votassem com elle, depois, na presidencia da camara ou na administração do conselho, sa farão de os roubar, requisitando-lhes por baixo preço o rio trigo e o belo asseio, que marcharam para longas terras por bom preço, deixando o concelho à mingua, se o desgraçado concelho lá chega e começa com estas e outras verdades parecidas, o menos que lhe acontecerá é levar uma carga de pau.

Nestes casos, devemos fazer (as devidas proporções guardadas) como fizeram os botcheviques com o proletariado russo quando hipocritado ainda por K-rensky.

Dizei-lhes durante uma hora: K-rensky (neste caso K-rensky está reduzido ás proporções do tal doutor da vila) é o melhor dos homens, K-rensky é admiravel, K-rensky é um anjo. Mas... K-rensky pode ter errado neste e naquele ponto. Assim já se entra, sem eles darem por isso, na agitação revolucionaria, com grande alegria das nossas costelas e maior proveito para a causa do proletariado e, portanto, dos pobres camponeses a quem assim nos t-mos do dirigir.

A nosso favor, dissemos no começo do artigo, ha, entre outras, a carestia da vida, a lei 1645 e o espirito anti-militarista da gente do campo.

Principalmente a lei 1645 e isso já tem sido tratado por camaradas mais competentes na materia, presta-se a considerações que muito aproveitam à agitação.

Em resumo, a situação nos campos é revolucionaria.

A propaganda e agitação comunistas, têm de ser muito bem levadas, por camaradas proletarios da industria, conhecendo bem o meio onde operam, ou trabalhadores rurais, com ideias nitidas e precisas sobre a doutrina e tectica leninista.

A agitação deve ser feita aproveitando bem os acontecimentos locais e comentando-os de forma a infiltrar nos cuiventes ou leitores a doutrina e orientação comunistas.

Nesta agitação e por maioria de razões, na propaganda, tem principal papel a imprensa.

Imprensa local para agitação. Imprensa central do Partido para educação theoretica dos militantes. Uma boa organização é tambem indispensavel, boa no sentido de ser composta dos melhores elementos da classe rural e de ter ligações solidas entre os nucleos de aldeias e freguesias.

Os camaradas das cidades não devem, porém, esquecer, que a organização das provincias terá sempre uma vida difficil e acidentada, enquanto não estiver apoiada num soldo partido e numa solida organização citadina, principalmente da capital do país. Sem o Partido ser forte em Lisboa, os nucleos comunistas das aldeias terão sempre a sua existencia ameaçada.

Augusto Rodrigues

Dr. Augusto Miranda

Este nosso prestigioso camarada, por quem o P. C. P. tem a mais devotada e sincera admiração e que será um dos seus candidatos por Lisboa nas proximas eleições, tomará parte na semana eleitoral que será aquella que precede o dia 1.º de votações.

Uma camionette, com os candidatos servirá de tribuna às portas das fabricas e nas praças publicas, em dezenas de comicios improvisados.

Al veremos o nosso Miranda, exemplo vivo da abnegação ao serviço da causa.

BIBLIOTECA COMUNISTA

Voltemos publicados

Lenina: Os Comunistas e os Camponeses, 1650. — Pelo correio, 1870.

J. Carlos Bates: O papel das Comunas e a Questão Agraria, 2400. — Pelo correio, 2620.

Mars e Engels: Manifesto Comunista, 2450. — Pelo correio, 2650.

Pedidos a Ferreira Godinho, rua do Arco do Marquez de Alegrete, 89 E.

# Ressurgindo

Um facto, deveras animador, se acaba de registar na organização comunista: — a reorganização das Juventudes Comunistas.

Após um ano de marasmo, de novo se levantou para cumprir a parte que lhe incumbia na tarefa revolucionaria do operariado, que bem importante é, e preencher a lacuna que o seu desmembramento trouxe à organização comunista.

Pelas suas actividades caracteristicas tem a organização comunista nas Juventudes verdadeiras fontes irradiadoras do comunismo para a escola, para a caserna e para a mocidade trabalhadora.

Que elas saibam desempenhar o papel que lhe é atribuido e terá o comunismo em Portugal dado um passo mais para o seu robustecimento.

Nota da Comissão Reconstituída das Juventudes Comunistas

Esta comissão reconstituída não descurando da missão que lhe foi confiada pela reunião dos militantes da juventude, continua activando o seu trabalho no sentido de dar por concluido em breve a organização das Juventudes Comunistas.

No intuito de descentralizar a actividade dos jovens e tornar mais proveitosas a sua acção, a reorganização tem sido feita sobre a base de industria. Assim já se encontram organizadas a secção dos Manipuladores de Pão e a dos Empregados no Comercio e em via d' organização as dos Metalurgicos, Manufactores de Calçado, e uma secção mixta para as profissões não sindicaveis.

Os trabalhos a levar à Conferencia dos jovens tambem se encontram em via de conclusão devendo em breve serem publicados e a realização da Conferencia em Abril.

Tem tentado esta comissão promover a reorganização dos nucleos na provincia para o que tem officado a varios camaradas nesse sentido, sendo porém a sua intenção sabotada pela indiferença desses camaradas que até hoje não responderam, pelo que lhes pede que o façam em breve, a fim de a comissão canalizar a sua acção no sentido pedido que é extensivo a todos os camaradas que em tempos mantiveram correspondencia com a Junta Nacional para que a reconheçam dirigindo-a para a Rua Castano Palha 18 1.º Dir.

Espera esta comissão iniciar em breve a preparação comunistas dos jovens por uma serie de conferencias e outros meios tendentes ao mesmo fim.

Secção dos Manipuladores de Pão

Com larga concorrência e para constituição de uma secção reuniram os jovens comunistas desta classe, tendo o camarada E. Bonifacio, membro da comissão reconstituída, que presidiu à sessão, feito considerações justificando a necessidade da ditadura do proletariado e do governo de operarios e camponeses armados de que os trabalhadores devem lançar mão para fazer e firmar a sua revolução.

J. Martins, membro da Junta Nacional, historia as causas remotas e proximas da Revolução Russa que aponta como affirmação sublime dos trabalhadores russos que, depois de romper com os traidores que impeliam as massas operarias para a chacina europeia, se libertaram do seu capitalismo fazendo tremer todo o mundo burgues.

Anten o Monteiro, tambem da Junta Nacional, faz uma larga explanação de principios comunistas exortando os jovens comunistas manipuladores de pão a educarem-se para que constituam mais um batalhão do grande exercito consciente da Revolução.

Depois de nomeada a comissão executiva da secção que ficou composta por Basilio Tavares, Miranda e em outro camarada, é encerrada a sessão, notando-se nos assistentes grande entusiasmo.

## «O CAMPONEZ»

Inicia a sua publicação mensal em Abril O Camponez, orgão do Partido Popular Agrario.

As suas camponesas, sobretudo as do norte e centro do país, tem estado sujeitas de longa data aos grandes proprietarios e aos caciques electorais do regime burgues.

O Partido Popular Agrario que agrapa os pequenos proprietarios e rendeiros d'istina se a pôr termo a esta situação e a cr-ar um movimento autonomo das massas camponesas.

É com prazer que vemos iniciar este movimento e esperamos manter com o novo agrupamento as mais estreitas relações de solidariedade.

A todos os camaradas aconselhamos a leitura de O Camponez.